



Arte, Memória e Fotografia:
Um Olhar para o Casarão Nichele



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

ELISABETE AGOSTINHO KARP

**ARTE,
MEMÓRIA,
E FOTOGRAFIA:
UM OLHAR PARA O CASARÃO NICHELE**

**CRICIÚMA-SC
2017**

ELISABETE AGOSTINHO KARP

ARTE, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UM OLHAR PARA O CASARÃO NICHELE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profª Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

CRICIÚMA-SC

2017

ELISABETE AGOSTINHO KARP

ARTE, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UM OLHAR PARA O CASARÃO NICHELE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas – Linguagens.

Criciúma, 20 de junho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestre em Educação - (UNESC) -
Orientadora

Prof. Luan Grassi Aléssio – Especialização em Educação Estética e as Perspectivas
Contemporâneas - (UNESC)

Prof. Sérgio Honorato – Mestre em Design Comunicação e Expressão - (UFSC)

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos, que sempre estiveram ao meu lado e me acompanharam nesta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades, ter chegado até aqui, e por sempre ouvir meus pedidos em oração.

Um agradecimento especial também aos meus familiares, que sempre estiveram presentes me dando forças, me apoiando, me auxiliando, não somente neste momento, mas em toda minha vida, para que não desistisse e alcançasse os meus objetivos. Agradeço ao meu pai pela educação, coragem, caráter e pelo apoio incondicional. A minha mãe, meu exemplo de vida, que me ensinou a nunca desistir, pelos dias e noites de orações constantes e por sempre me apoiar em minhas decisões. E as minhas avós, por sempre querer o meu melhor.

Muito obrigado também ao meu namorado, por sempre acreditar em mim, me incentivando a nunca desistir, por ser compreensivo e ter me dado apoio durante esta caminhada.

Aos meus colegas de sala, que me apoiaram direta ou indiretamente, meu muito obrigado. Em especial, agradeço também aos colegas Maira e Henry por terem me dado atenção, auxílio, e por terem emprestando seus livros com muito zelo e carinho, para o desenvolvimento desta pesquisa. Foi muito importante a colaboração de vocês! Ao sexteto fantástico, Andreia, Bruna, Leisla, Gislaine, Jhonantan e Felipe pela amizade, durante essa jornada de quatro anos. Vou sentir saudades!

Agradeço a empresa Alumasa, por ter me dado a oportunidade de colocar em prática meus conhecimentos obtidos no curso, e que me liberou em alguns momentos para o desenvolvimento desta pesquisa.

E, agradeço também, as pessoas que gentilmente se dispuseram a responder as perguntas, para esta pesquisa.

Por fim, e não menos importante, agradeço a todos os meus professores, que colaboraram para o meu desenvolvimento durante o período da graduação. Em especial a minha orientadora Silemar, por ser sempre atenciosa, e que acreditou que conseguiria chegar até aqui.

Muito obrigada!

O principal projeto da fotografia dos artistas não é reproduzir o visível, mas tornar visível alguma coisa do mundo, alguma coisa que não é, necessariamente, da ordem do visível.

André Rouillé

RESUMO

A presente pesquisa se faz enquanto trabalho de conclusão de curso, intitulada “Arte, Memória e Fotografia: Um olhar para o Casarão Nichele”, insere-se na linha de pesquisa Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais Bacharelado da UNESC. Faz-se enquanto um desafio de relatar um processo de criação artística. Proponho, assim, desenvolver uma produção artística que aproxima arte, fotografia e memória. Nesse sentido, pontuo como problema de pesquisa: Considerando as relações arte e memória, fotografia e o Casarão Nichele, como materializar artisticamente olhares sensíveis, estéticos e poéticos de uma artista em construção? Para tanto, o diálogo teórico se faz necessário, o que remete à Canton (2010), Costa (2014), Dubois (2004), Rouillé (2009) e Bosi (1994), os quais, farão parte da luz teórica para iluminar esse percurso que se faz enquanto desafio de uma artista em construção. O percurso de um fazer artístico toma como alimento poético às memórias que o Casarão Nichele pode fomentar, o que se faz aqui como relevância da pesquisa, sem desconsiderar o resultado final que fica exposto ao público, e que soma à esta narrativa como uma “transparência” que se complementa e que se inter-relacionam com texturas, formas e contextos.

Palavras-chave: Arte. Memória. Fotografia. Casarão Nichele.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Cronologia - Máquinas Fotográficas.....	11
Imagem 2 - Sebastião Salgado, exposição gêneses em Porto Alegre/RS 2013.....	23
Imagem 3 - Casarão Nichele - Janelas - Urussanga/SC - 2016.....	23
Imagem 4 - Fotografia de Silvio Zamboni, da série Fotografias Neoconcretas	25
Imagem 5 - Casarão Nichele - Local externo - Urussanga/SC-2016.....	26
Imagem 6 - Fotografia de Niki Feijen - Hermosa Decadência.....	27
Imagem 7 - Casarão Nichele - Sala, as Janelas - Urussanga/SC - 2016.....	28
Imagem 8 - Mapa da Cidade de Urussanga/SC.....	29
Imagem 9 - Fotografia do Casamento de Anita Furghesti e Ângelo – Em Frente ao Casarão Nichele.....	33
Imagem 10 - A Fachada do Casarão Nichele - Urussanga / SC - 2017	33
Imagem 11 - Fragmentos do Casarão/01 - 2017.....	35
Imagem 12 - Fragmentos do Casarão/02 - 2017.....	36
Imagem 13 - O Filme - Escultura na Cabeça - 2014	37
Imagem 14 - A passagem - Exposição 5InLoco - 2016.....	38
Imagem 15 - O tocar - Cerâmica - 2016.....	39
Imagem 16 - Memórias - Livro Objeto/ Livro de Artista - 2015	40
Imagem 17 - Processo de Desenvolvimento da Obra da Artista/01 - 2016.....	40
Imagem 18 - Processo de Desenvolvimento da Obra da Artista/02 - 2017	41
Imagem 19 - Processo de Desenvolvimento - A Escolha das Fotografias - 2017	42
Imagem 20 - Início da Montagem da Obra - 2017.....	43
Imagem 21 - Croqui da Produção/01 - 2017	44
Imagem 22 - Croqui da Produção/02 - 2017	44
Imagem 23 - Fotos da Produção Artística	58
Imagem 24 - Produção Artística - Transparências - 2017.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PEB	Pesquisa Baseada em Artes
PEBA	Pesquisa Educacional Baseada em Artes
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	14
3 FOTOGRAFIA E A ARTE CONTEMPORÂNEA.....	18
3.1 FOTOGRAFIA É ARTE?	19
3.2 FOTÓGRAFOS CONTEMPORÂNEOS.....	21
4 O CASARÃO NICHELE COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO	29
4.1 RECORTES, IMAGEM E MEMÓRIA	34
5 O PERCURSO POÉTICO DE UMA ARTISTA EM CONSTRUÇÃO.....	37
6 CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE (S)	51
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	52
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE	53
ANEXO (S).....	56
ANEXO A – FOTOS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA.....	57

1 INTRODUÇÃO

O percurso de uma produção artística em narrativa poética. Este é o desafio desta pesquisa, a qual iniciou com uma primeira intenção de demonstrar e valorizar um dos principais patrimônios históricos da Cidade de Urussanga/SC contemplando, prioritariamente, um olhar poético e estético sobre o Casarão Nichele. Como fazer? O que evidenciar? Qual ou quais linguagens artísticas contemplar? Uma paixão pela linguagem da fotografia me vem falando um pouco mais forte, pois, como afirma Rouillé (2009, p.287), “o principal projeto da fotografia dos artistas não é reproduzir o visível, mas tornar visível alguma coisa do mundo, alguma coisa que não é, necessariamente, da ordem do visível.”

A fotografia é um meio de expressão em que podemos retratar, registrar, ou mesmo contar como é o que vemos, ou como vemos. Como mostrar detalhes de um espaço cheio de memórias? Falo aqui do Casarão Nichele. A linguagem da fotografia esteve presente nas minhas vivências, experiências desde pequena. Aos onze anos de idade, meu pai comprou a minha primeira câmera Kodak (Imagem 01). Nesse momento iniciei a minha jornada com a fotografia. No início, eram autorretratos, e retratos, pois gostava de ver as expressões, poses, para ver como seriam os resultados. Falo de um tempo em que a expectativa criada pela câmera analógica, nos envolvia durante um tempo. Aquela câmera que utiliza o filme fotográfico para capturar as imagens e a mantém armazenada no filme até que este seja revelado. Foi assim o meu início, foi com o manuseio do rolo de filme que em negativo nos possibilitava ainda reconhecer, após revelar, o que foi capturado.

Mais tarde em 2009 ao completar meus quinze anos, ganhei a segunda câmera GE 14.1 (Imagem 01). Uma câmera semiprofissional, a qual continha inúmeros itens para serem descobertos, isso me motivou ainda mais, pois haviam várias técnicas a serem testadas e descobertas. Fotografava vários locais, pessoas, animais, tudo que achava interessante.

Imagem 1 - Cronologia - Máquinas Fotográficas



Kodak



GE



Canon

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Após a conclusão do ensino médio tive a necessidade de comprar uma câmera de melhor qualidade, comecei a trabalhar em uma fábrica. Me fiz auxiliar de produção, e nesse percurso adquiri uma Canon T3i (Imagem 01). Entrei em um curso de fotografia na SATC em 2012. Comecei a trabalhar com eventos, mas, percebi que não era o que desejava. O curso de Artes Visuais me fez compreender questões da fotografia que ainda não compreendia, mas é nesse percurso de artista, neste Trabalho de Conclusão de Curso que amplio relações entre a arte, a memória e a fotografia, a partir da relação que construo e reconstruo com o Casarão Nichele. Desejava algo para além do real, era algo que estava entre o caminho do sonho e da realidade, talvez: no caminho da arte. Com o passar do tempo compreendi que as fotografias, supririam esses sentimentos, nesse sentido, fui criando desejos de fotografar lugares que me possibilitariam criar novas narrativas.

Nesse processo de encontrar um objeto de pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso lembrei de um projeto que desenvolvi durante a disciplina de Iconografia, em que a professora propôs fazermos um mapeamento da cidade. Ao mapear a cidade, retomo às minhas idas e vindas de casa para o trabalho de minha mãe, quando ainda pequena. Encontro-me com a memória de uma criança que assiste os casarões antigos da praça correrem pela janela do carro. Passávamos pelo centro da cidade, todos os dias, e ao percorrer esse trajeto, ao ver aqueles casarões antigos, aguçava minha curiosidade. Queria saber a história daqueles casarões, sobre as pessoas que ali moravam. Como eles conseguiram construir esses casarões? Como duraram tantos anos? Enfim, uma infinidade de perguntas que me rodeavam.

Hoje faço um recorte para um casarão em específico: o Casarão Nichele. Que fortemente é uma representação importante para a cidade de Urussanga/SC. E

é através da arte, meio pelo qual, podemos expressar nossas emoções, evidenciar nossas histórias e memórias, que na linguagem da fotografia, o Casarão vai se fazendo tema desta pesquisa.

Falar sobre arte nos remete a uma certa necessidade de buscar entendimento de questões conceituais, uma vez que, em todas as suas manifestações, a arte é uma expressão do sentir humano transformando em símbolos, nem sempre convencionais, e que, não necessariamente, levam o observador a significados conceituais, pois em princípio, a arte é para ser sentida. (SILVA; ROBERTO, 2006, p.04).

A arte e memória se fazem, aqui, peças fundamentais para evidenciar o Casarão Nichele, pois o tomo aqui como uma referência de memória, em que ao vê-lo lembro-me da minha cidade e de todo meu percurso de vida. Cidade esta, que me acolheu desde que nasci, e estou há 22 anos. Quanto a memória, encontro em Bosi (1994, p.73), um dizer que, “poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar.” Nesse sentido, considerando as relações arte e memória, fotografia e o casarão Nichele, como materializar artisticamente olhares sensíveis, estéticos e poéticos de uma artista em construção que busca evidenciar estas relações? Pergunta esta que se apresenta como problema desta pesquisa. Uma proposta que tem como objetivo: uma produção artística contemplando fotografias do Casarão Nichele, considerando as relações arte e memória. No sentido de atender ao problema aqui apresentado, o intuito é ampliar olhares sensíveis e poéticos através da linguagem fotográfica, no exercício de capturar imagens do casarão.

No sentido de contemplar os desafios desta pesquisa, a mesma está estruturada em seis capítulos. Inicialmente com o capítulo da ‘introdução’, é onde abordo as questões da trajetória de vida ligadas às razões desta pesquisa. O diálogo teórico se faz com Rouillé (2009), Silva (2006) e Bosi (1994).

No capítulo dois, chamado ‘metodologia’, evidencio o percurso da pesquisa, a partir do diálogo entre os autores Zamboni (2006), Minayou (1994), Dias (2013) e Irwin (2013).

O terceiro capítulo ‘fotografia e arte contemporânea’, o diálogo teórico acontece a partir de César (2007), Rouillé (2009), Benjamin (1955) e Machado (2007). Um capítulo que demonstra, desde o aparecimento da fotografia, até sua

contextualização enquanto linguagem da arte. E nos subtítulos é contemplado uma relação com os fotógrafos contemporâneos com os quais costura-se uma identificação com o processo artístico aqui apresentado.

Já no quarto capítulo 'o Casarão Nichele como patrimônio histórico' discorro sobre essa relação que se faz a partir da arte como os patrimônios da cidade, e é em Marques (1998), Faria (2008) e Zanatta (2011) que o diálogo teórico se faz.

No quinto capítulo 'percurso poético de uma artista em construção' é feito uma análise sobre o percurso da artista em formação, onde mostro algumas obras desenvolvidas durante o período de formação acadêmica, e apresento a produção artística enquanto um convite para que se complete no olhar do observador. No sexto capítulo "conclusão", exponho as considerações como algo aberto e não como um final de trabalho. As referências bibliográficas aparecem como sexto capítulo.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa se faz enquanto Trabalho de Conclusão de Curso, intitulada 'Arte, Memória e Fotografia: Um olhar para o Casarão Nichele', insere-se na linha de pesquisa Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais Bacharelado da UNESCO. Zamboni (2006, p.51), diz que “pesquisa é a busca sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano.” Toda pesquisa requer um caminho, algo que podemos fazer no próprio percurso do caminhar.

Esta pesquisa abrange a arte, a linguagem fotográfica, e o principal cartão postal da Cidade de Urussanga/SC, - Casarão Nichele, caracterizando-se como uma investigação qualitativa, uma abordagem que, para Minayo (2009, p.22), “se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.” Portanto o foco da pesquisa é o próprio processo de produção artística, o qual não é realizar a quantificação de dados.

O caminho percorrido passou por um levantamento bibliográfico incluindo conceitos sobre a arte, a memória, a linguagem fotográfica, e o Casarão Nichele. Com o papel de uma pesquisa acadêmica, assume a necessidade do levantamento de produções científicas em livros, artigos científicos, e demais materiais informativos, compreendo-a, assim, também como pesquisa bibliográfica, a qual, de acordo com Gil (2008, p.44), define-se como aquela “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

A partir dessa relação com a pesquisa, faço uma experimentação das técnicas da linguagem fotográfica, onde os aspectos do espaço vão sendo revisitados em busca de melhores ângulos, luzes e composições. Poeticamente, através do meu ato fotográfico, trago detalhes deste espaço. O intuito é trazer, a partir dessa linguagem, uma obra composta por fotografias em que me aproprio de um material não convencional como suporte. O material que escolhi como suporte são transparências. Lâminas de transparências utilizadas para apresentação de imagens e textos em aparelhos utilizados em escolas, empresas, ou mesmo na universidade, em um tempo em que o Datashow não era tão comum, o que retomo posteriormente para melhor justificar esse material nessa relação com os conceitos aqui evidenciados.

Nesta construção dos caminhos desta pesquisa, procuro colocar a relação com o exercício da cartografia, buscando melhor compreender a Pesquisa Baseada em Arte - PEBA, como uma opção metodológica de quem vai se construindo artisticamente. Para Dias (2013, p.23):

A Pesquisa Baseada em Arte (PBA) busca deslocar intencionalmente modos estabelecidos de se fazer pesquisa e conhecimentos em arte, ao aceitar e ressaltar categorias como incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo. Engajar-se em pesquisas utilizando a PBA e PEBA é um ato criativo em *si* e *per si*.

É como um ato criativo que apresento o processo de construção de meu fazer artístico. Portanto esse método nos propõe uma outra maneira de vivenciar um caminho metodológico, o qual nos desafia à sermos livres, mais vivos. A Pesquisa Baseada em Arte, destaca a a/r/tografia como “as identidades do artista, do pesquisador. Assim a pesquisa está profundamente enraizada na noção de a/r/tografia, visto que pesquisa cria e reinventa para abraçar a investigação como uma forma de pesquisa viva.” (DIAS, 2013, p.15). Nessa perspectiva, o autor aborda ainda, que, “a investigação permeia nossas vidas e começamos a entender como nossas vidas são enriquecidas por esta curiosa disposição.” (Ibidem, p.15). Na construção deste caminho metodológico vou me fazendo artista. A “A/r/tografia é uma metodologia de pesquisa que se enreda e funciona como um rizoma [...]” (IRWIN, 2013, p.138). Dessa maneira, rizoma “[é] um espaço intersticial, aberto e vulnerável onde os significados e as compreensões são interrogados e rompidos.” (ibidem, p.139). Por sua vez, os rizomas “ativam o entrelugar, onde a teoria-como-prática-como-processo-como-complicação intencionalmente altera a percepção e o conhecimento através da pesquisa viva.” (ibidem, p.139). Assim sendo, este método busca estabelecer, que, a pesquisa do artista, pode utilizar-se das imagens não somente como ilustrações, mas sim, como um componente do texto, que amplia a compreensão, e nos deixa mais abertos para o nosso processo. Assim como na cartografia, como destacam Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p.76):

Encontramos na cartografia, um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (Deleuze e Guattari, 1995; Guattari, 1986), um caminho que nos ajuda no estudo da subjetividade dadas algumas de suas características. Em primeiro lugar, a cartografia não comparece como um método pronto, embora possamos encontrar pistas para praticá-lo. Falamos em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia, pois não se trata de

um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares. A cartografia é um procedimento *ad hoc*, a ser construído caso a caso [...].

O percurso que me move, toma como campo de investigação as imagens do Casarão Nichele, as tantas vezes que por ali passei, os movimentos do obturador da câmera que me possibilita a captação de imagens vão construindo um olhar que se alimenta a cada apertar de botão. Um apertar que dialoga com a luz e registra formas que em preto e branco vão trazendo memórias de um tempo que vai marcando a criação.

Desta forma o meu percurso enquanto artista pesquisadora, se desenvolve nas relações estabelecidas pela própria captação de imagens, pela relação entre o presente registrado com as memórias que ele evoca. O objetivo é construir a produção artística, vestida de uma linguagem fotográfica, que tem o Casarão Nichele como inspiração e as memórias que por ele são provocadas.

A presente investigação foi realizada no município de Urussanga, retomo imagens capturadas no segundo semestre de 2016 e revisito o Casarão no primeiro semestre de 2017, período em que desenvolvo a pesquisa. Neste percurso, quando me destinava a ir visitar aquele local, busquei permanecer horas, para pensar, observar, e rever todos os detalhes que ele me proporcionava a fotografar, havia ali algo que queria capturar, algo que o vento, a luz do sol, as sombras da noite me auxiliavam. Reconheço-me como quem não conseguia ou não consegue na fala ou na escrita expressar o que sentia ao visitar e revisitar o Casarão. Será que o Casarão provoca nas pessoas sensações parecidas com as que eu sentia ao visitá-lo? Senti a necessidade de conversar com as pessoas, saber das possíveis relações que teriam com o Casarão, procurei pessoas que, com mais idades e moradores antigos na cidade, pudessem me trazer algo que acrescentaria nesse percurso poético e estético. Foi então que realizei uma coleta de informações, através de entrevistas, as quais, foram 3 pessoas entrevistadas, 3 dias de saída a campo e 291 fotos. As câmeras em que operei foram uma Canon T3i, para fazer as fotos, e a Canon 7D utilizei para fazer alguns vídeos. Também utilizei duas lentes, uma 50mm 1.8f e 28-70mm 2.8f, o qual foram essenciais para desenvolvimento desta pesquisa.

As entrevistas foram realizadas a partir de um questionário. Abordava as pessoas com o auxílio de um gravador, fazia a transcrição de suas respostas e lia a eles para confirmação das respostas.

Como foi a escolha das 3 pessoas? Porque estas e não outras? Três pessoas foi um número que atendia ao tempo da pesquisa, não conseguiria contemplar mais em função de todo o envolvimento que tive nesse processo de criação. A primeira pessoa que escolhi foi o Sr. Manoel Prado, em função de ter vivenciado por um tempo naquele espaço, este senhor, que utilizou este local para a comercialização de álbuns fotográficos bem como a utilização de seu estúdio. A segunda pessoa em que conversei, foi a Sr. Maria Damian, em que, por ter morado em frente ao casarão havia muitas memórias para ser relembrada e transcrita. E, a terceira pessoa, Ederson, foi escolhida pelo acaso, em que, em algumas conversas a mesma comentou que se recordava de alguns momentos, e havia algumas lembranças do Casarão. Ao final das entrevistas solicitava aos entrevistados que assinassem o documento para a autorização. Cada entrevista levou em média uma hora.

3 FOTOGRAFIA E A ARTE CONTEMPORÂNEA

Com o intuito de fazer uma relação com a trajetória da fotografia e com a arte contemporânea, trago alguns autores como Newton Cesar (2007), André Rouillé (2009), Walter Benjamin (1955) e Arlindo Machado (2007) para dialogar neste percurso. Sobre a fotografia, e sua trajetória em meio a arte, proponho uma reflexão sobre o que é fotografia a partir do que afirmam Cesar e Piovan (2007, p.20-21):

Fotografia é a arte da luz. Engraçado, pois tudo começou com uma Câmara Escura. Foi no século V a.C. que seu princípio óptico foi conferido ao chinês Mo Tzu por alguns historiadores. Também falam em Aristóteles, filósofo grego, como sendo o responsável pelos primeiros comentários da Câmara Escura. Apenas em 1826 um francês chamado Joseph Niépce tirou a primeira fotografia pela ação da luz. O nascimento da fotografia e seu aperfeiçoamento, entretanto, é dividido entre outros aficionados: Louis – Jacques Mande Daguerre, Josef Petzval, William Henry, Fox Talbot, John Herschel, James Clerk – Maxwell e Hercule Florence, para mencionar apenas os mais influentes.

Portanto falar de fotografia, é falar das descobertas da observação sensível, ela é luz, e em que ao mesmo tempo, ao deixá-las atuar na investigação, possui presente, passado e futuro. Ainda sobre a história da fotografia, Rouillé (2009, p.190) nos apresenta uma breve síntese, quando argumenta que:

[...]a fotografia se deu entre o entrelaçamento de dois dispositivos seculares: a câmara escura e a sensibilidade à luz de certas substâncias. E dessa introdução do universo óptico com o da química, resultou no primeiro sistema de registro por meio da ação da luz sobre um filme, com a utilização de uma máquina.

Com o surgimento da fotografia, a mesma veio estabelecer uma procura por um ideal de imagem objetiva, que acompanhou os artistas desde o período do Renascimento. Mas como os artistas foram se familiarizando com a fotografia?

A linguagem da pintura, por exemplo, com o surgimento da fotografia, vai perdendo sua função e caminha para a busca de sua ressignificação. Benjamin (1955, p.19-20) ressalta que:

A controvérsia travada no século XIX entre a pintura e a fotografia quanto ao valor artístico de suas respectivas produções parece-nos hoje irrelevante e confusa. Mas, longe de reduzir o alcance dessa controvérsia, tal fato serve, ao contrário, para sublinhar sua significação. Na realidade, essa polêmica ou a expressão de uma transformação histórica, que como tal não se tornou consciente para nenhum dos antagonistas. Ao se emancipar dos

seus fundamentos no culto, na era da reprodutibilidade técnica, a arte perdeu qualquer aparência de autonomia. Porém a época não se deu conta da refuncionalização da arte, decorrente dessa circunstância.

A evolução tecnológica influencia diretamente a arte, uma vez que, “a arte sempre foi produzida com os meios de seu tempo.” (MACHADO, 2007, p.08). Nesse sentido a fotografia está presente na produção artística desde sua criação. Volto o olhar para o processo de criação, fruto desta pesquisa, e destaco o Casarão Nichele, evidenciando-o através de fotografias, faço um percurso de alguns dias nesse local em que vejo, revejo, e tento fazer parte dele, ativando as memórias. Aquelas que suscitam nas minhas lembranças de menina/mulher/fotógrafa/pesquisadora/artista e as memórias narradas pelos três personagens que são entrevistados para esta pesquisa. Pensar a fotografia enquanto um aparato tecnológico possível de se fazer arte no sentido de comungar com o dizer de Machado (2007, p.10), ou seja, para ele “o aparato tecnológico que lhe é contemporâneo difere significativamente daquela feita por outros setores da sociedade, como a indústria de bens.” Nesse sentido, a fotografia é uma linguagem que vem ganhando espaço no campo da arte, nas suas infinitas formas de se apresentar.

Faço opção pelo uso da linguagem da fotografia por compreender suas múltiplas possibilidades, incluindo os diversos suportes em que ela pode ser impressa. Falo de uma fotografia que pode ser considerada como um recurso midiático, com o qual a arte vem costurando caminhos constantemente, o que dialoga com o dizer de Machado (2007, p.10), ou seja: “as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual e aquela que melhor exprime sensibilidades e saberes do homem do início do terceiro milênio.” Nos dias de hoje o artista deve estar mais adepto a utilizar as representações midiáticas, pois é algo presente e pode exprimir suas sensibilidades.

3.1 FOTOGRAFIA É ARTE?

Falar de arte e fotografia nos remete a pensar se podemos realmente dizer que fotografia é arte? A arte é capaz de ser evidenciada de inúmeras formas, contemplando linguagens mais tradicionais como música, dança, teatro e artes visuais; assim como outras tantas que a arte contemporânea nos permite conhecer. A fotografia é uma dessas linguagens, que fica entre o caminho do tradicional e o

contemporâneo, pelo seu aparato tecnológico que foi ganhando cada vez mais espaço com a câmera digital.

Por anos foram levantadas discussões a respeito da fotografia enquanto linguagem artística, por isso ainda há este questionamento, de se a linguagem fotográfica é arte. Em busca de uma resposta, proponho diálogos com autores como: Katia Canton (2009), André Rouillé (2009) e Phillip Dubois (2003) para melhor compreender as questões que cercam esse desafio.

Sobre arte, Canton (2009, p.12), afirma que “para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-nos de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo.” A arte, por conseguinte, corresponde então, a uma forma de expressão cheia de individualidades, onde as emoções nos trazem diferentes significados, e é através dela que o homem manifesta suas relações e vivências.

Com o passar dos anos, em meados das décadas de 20 e 30, muitos não aceitavam a fotografia como linguagem artística. Como Baudelaire um dos críticos mais radicais da fotografia, segundo Andrade (2002, p.35), “ele faz questão de separar a pintura da fotografia, afirmando ser a fotografia um produto da indústria tecnológica.” Ainda podemos encontrar pessoas que tem dificuldades de aceitar a fotografia como linguagem da arte, principalmente por que ela possibilita diversas cópias, comentando assim que a arte acaba por perder seu valor. Mas, ao contrário destes, alguns defendem que, a fotografia pode ser considerada arte, como Tavares (2009, p.122) o qual acredita que “o resultado da fotografia não está na máquina (instrumento do fazer desta arte) mas sim no olho do fotógrafo que percebe determinado momento e o captura.” Então a máquina fotográfica, para os fotógrafos, significa ser o que é o pincel é para um pintor, apenas uma ferramenta de representar. Pois sem o operador elas não tem o que obedecer. Segundo Rouillé (2009, p.21), “somente por volta dos anos 1980, que a fotografia foi adotada pelos artistas como verdadeiro material artístico.” Podemos dizer, portanto, que a fotografia para ser aceita no campo artístico levou alguns anos para ser reconhecida, mas que estes anos foram fundamentais para que as pessoas conseguissem compreender que a fotografia poderia ser considerada uma linguagem de arte.

Quando se fala em fotografia, podemos retratar, registrar ou até mesmo contar uma história a partir do momento em que a vemos. Dubois (2003, p.129)

“aponta que o papel da fotografia é conservar o traço do passado, é um testemunho do que foi”. Ou seja, para este autor Rouillé (2009) traz a fotografia como algo que dialoga com o pensamento de Dubois, Sendo assim: “O processo fotográfico é concebido como um meio de liberar – por eliminação, corte e simplificação – a verdade, que está oculta, da realidade do visível.” (DUBOIS, 2003, p.132). Nesse sentido, a fotografia é uma forma de representação, em que o ato de registrar os momentos ultrapassa algumas barreiras. “Com a fotografia, criar não é mais fabricar, mas escolher, ou melhor, enquadrar, dessa maneira, as modalidades da escolha estética estão redefinidas.” (ROUILLÉ, 2009, p.296). Quando visito o Casarão Nichele, meu olhar passa a escolher, enquadrar o que registrar, neste percurso utilizo a linguagem fotográfica artística, e evidencio algumas modalidades estéticas para o desenvolvimento de uma produção artística. Como artista-fotógrafa-pesquisadora aprendiz, remeto-me à um recorte que faço sobre alguns fotógrafos contemporâneos que auxiliaram no meu percurso poético e estético de quem busca materializar fotograficamente minhas impressões do Casarão Nichele.

3.2 FOTÓGRAFOS CONTEMPORÂNEOS

Como escrever sobre os fotógrafos contemporâneos? Sei que atualmente uma lista repleta de muitos nomes não daria conta de todos os profissionais que atuam com este papel, podemos falar dos fotógrafos que atuam no campo do jornalismo, nos eventos, e demais campos, mas nesse caso em específico evidencio os fotógrafos que se dedicam à fotografia enquanto linguagem da arte. Ainda assim, poderíamos ter um número significativo, necessitando assim, de um novo recorte.

Considerando as influências no meu percurso de criação, enquanto artista aprendiz, evidencio alguns fotógrafos com os quais vou estabelecendo uma relação com suas poéticas, ou seja, a forma em que eles apresentam suas obras.

Como primeira referência, evidencio Sebastião Ribeiro Salgado, “natural de Aimorés, Minas Gerais, onde nasceu em 1944, é o sexto e o único filho homem de uma família com oito filhos.” (FENSKE, 2011, sp). Sebastião Salgado, assim como é conhecido por todos, traz em suas fotografias, um profundo comprometimento com a cultura estampada em preto e branco. Ao observar suas fotografias, percebemos imagens que comovem pela força poética da beleza encontrada em diferentes realidades vestidas de força, coragem, medo, angustia,

tristezas e tantos outros adjetivos que nos tornam humanos ou desumanos, conforme o ângulo que nos propomos a ver, sentir, refletir sobre elas. Segundo reportagem de Fenske (2011, sp):

De Paris, onde vive, Salgado viajou para cobrir acontecimentos como as guerras na Angola e no Saara espanhol, o sequestro de israelitas em Entebbe e o atentado contra o presidente norte-americano Ronald Reagan. Paralelamente, passou a dedicar-se a projetos de documentários mais elaborados e pessoais. Viajando pela América Latina durante sete anos (1977-1984), Salgado foi a pé a povoados remotos. Neles capturou as imagens para o livro e a exposição *Outras Américas* (1986), um estudo das diferentes culturas da população rural e da resistência cultural dos índios e de seus descendentes no México e no Brasil. Nos anos 80, trabalhou 15 meses com o grupo francês *Médicos Sem Fronteiras* durante a seca na região do Sahel, na África. Na viagem produziu *Sahel: O Homem em Pânico* (1986), um documento sobre a dignidade e a perseverança de pessoas nas mais extremas condições. Entre 1986 e 1992, fez *Trabalhadores* (1993), um documentário fotográfico sobre o fim do trabalho manual em grande escala em 26 países. Em seguida, produziu *Terra: Luta dos Sem-Terra* (1997), sobre a luta pela terra no Brasil, e *Êxodos e Crianças* (2000), retratando a vida de retirantes, refugiados e migrantes de 41 países.

Ao conhecer um pouco mais sobre a trajetória de sua vida, vou ampliando conhecimentos pela linguagem fotográfica nessa perspectiva de pensá-la enquanto uma linguagem artística, nesse sentido, “fotografando sempre em preto e branco, o seu trabalho é carregado de imagens fortes e muitas vezes muito tristes, mas carregam uma beleza e singularidade ímpar.” (FENSKE, 2011, sp). Em 2013, pude apreciar sua exposição em Porto Alegre/RS - imagem 02 -, e ao iniciar o trajeto de visitação, a cada fotografia, me sentia mexida, pois a forma com que ele retratou as pessoas, locais, e as paisagens, revelava uma sutileza, que em preto e branco, fazia com que meus desejos de fotografar se ampliassem.

Imagem 2 - Sebastião Salgado, Exposição Gênesis em Porto Alegre/RS 2013

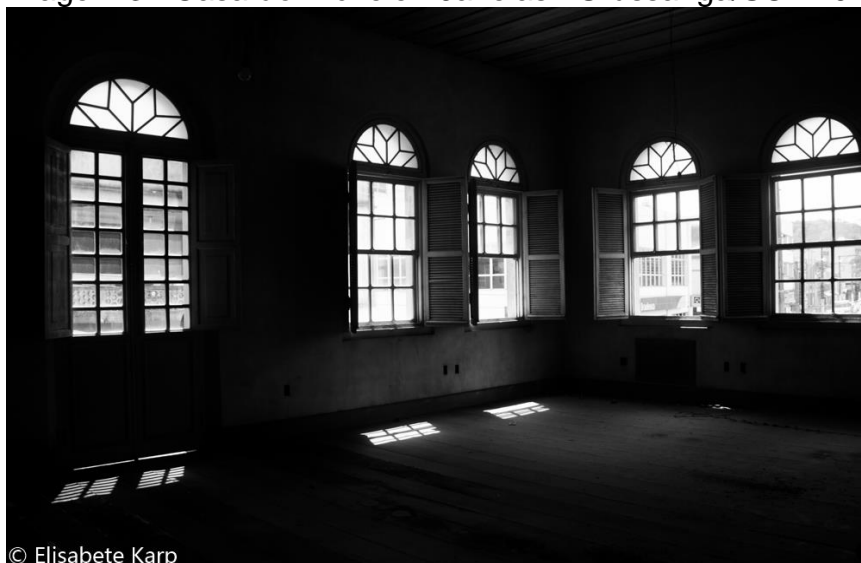


© Elisabete Karp

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Identifiquei-me com seu trabalho, suas fotografias me fizeram ir além, querendo transmitir em preto e branco um sentido que desse ênfase ao que queria evidenciar, as questões ligadas à memória do Casarão Nichele como na imagem 03, um espaço aberto à pensamentos atemporais como janelas que nos levam às outras tantas. Nesse sentido, encontro em Burke, um dizer que justifica parte do que fomenta no espectador o tratamento da imagem. Para Burke (2004, p.27), “uma fotografia em sépia suave pode produzir uma calma aura de ‘passado’, ao passado que uma imagem em preto e branco pode ‘transmitir’ um sentido de dura realidade.”

Imagem 3 - Casarão Nichele - Janelas - Urussanga/SC - 2016



© Elisabete Karp

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

As belas janelas do Casarão Nichele, compostas por uma simetria que evidenciam cinco janelas iguais, e que se destacam pela luz que revela a transparência de um vidro que ao receber a luz nos permite ver outras figuras chamadas janela. Revelo-as em preto e branco para remeter-lhe-ás a sensação do antigo, passado, e, em que trago as lembranças daquela época as evidenciando no presente.

Nos momentos das entrevistas, em que conversei com cada um, as imagens acendiam meus pensamentos e se fizeram como momentos mágicos, pois ao falarem de suas memórias, também lembravam com detalhes dos espaços vivenciados no Casarão. Tentava ver como era aquele tempo, como diz a senhora Maria em uma parte da entrevista “[...] ela tocava piano, quando chegava o verão, com as tardes de verão, eu ficava na janela, é que minha casa ficava em frente, ela escancarava a janela, e ela em frente ao piano, debulhava músicas, e eu ficava ouvindo [...]” Memórias que foram evidenciando uma sintonia com este local, e ao ouvi-las, me “transportava” para esta época, pude ver através das mesmas como naquela época era tudo muito belo, e como aquele casarão era referenciado pelos cidadãos da cidade.

Como segunda referência de fotógrafo, evidencio Silvio Zamboni “um artista multimídia e fotógrafo que pensa a arte como pesquisa. É nesse sentido que vem investigando a imagem e suas possibilidades de intervenção.” (BARBOSA, 2005, p.04). Zamboni releva através do seu olhar fotográfico, as cidades em que ele passa, é “um habitante da cidade modernista que tem se dedicado a conhecer o seu entorno colonial e esse sobrevoo pelo passado o tem levado a distâncias maiores, a outras paisagens urbanas coloniais.” (IMA FOTO GALERIA, 2010, p.sp). Na atual série, Fotografia Neoconcreta, pequenos detalhes guardam a evocação de sua origem, apresentam-se como composição de linhas-cor-luz, como na imagem 04.

Imagem 4 - Fotografia de Silvio Zamboni, da série Fotografias Neoconcretas



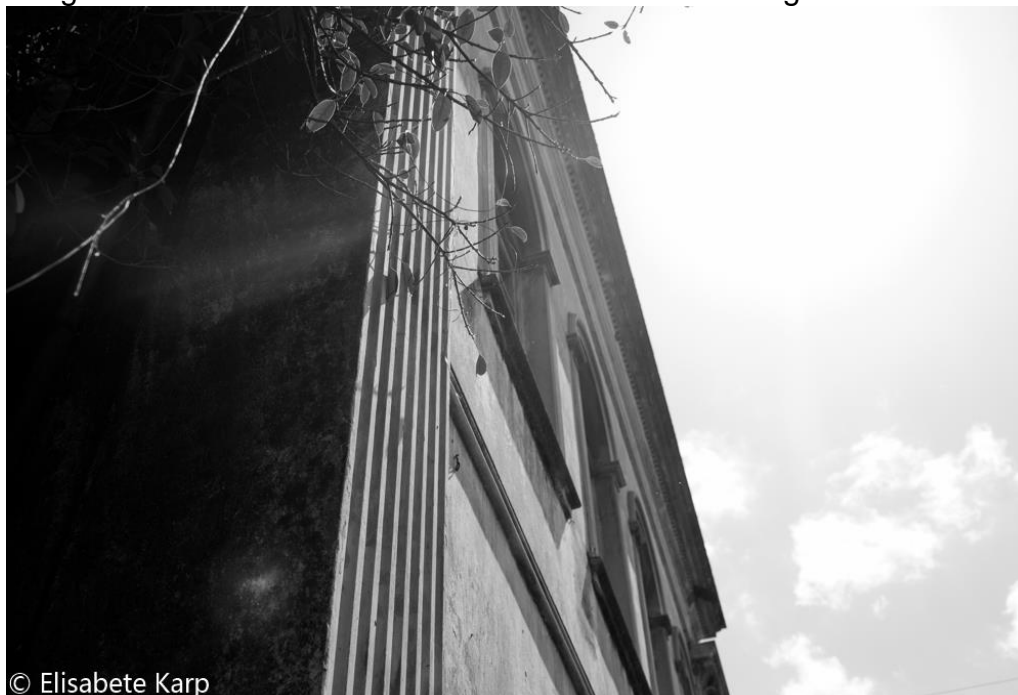
Fonte: Disponível em:

<http://unb2.unb.br/noticias/galeria/images/CAPA_SITE/IMAGENS/2009/Mai/05/Imagens_da_exposicao_de_Silvio_Zamboni/thumbs/pqlimagem4.jpg>. Acesso em: 14/05/2017.

O fotógrafo artista Silvio Zamboni evidencia os detalhes da arquitetura, vivenciados nas viagens, traz pequenos detalhes, através de suas composições, às quais somam: luzes, cores e linhas. Na imagem 04, há uma junção de formas alinhadas em um plano de tomada evidenciando um enquadramento que narra um assunto prédio que se mistura à um tema um tanto quanto religioso, algo místico na figura de uma cruz que não está ali, mas que no seu espaço vazado pode ser visto enquanto algo maior, forte e imponente. Em um ângulo contra plongée¹ ou de baixo para cima, a imagem suscita uma sensação de poder, de celebração. Ângulo que utilizei para retratar o Casarão Nichele na Imagem 05, evidenciando o poder desta construção que vem contando histórias enquanto fomenta outras.

¹ Que acaba por assumir o sentido de um 'contra mergulho', define a situação inversa: a câmera fica abaixo do nível dos olhos dos personagens, voltada para cima. Uma forma de lembrança deste local assim como Silvio que passa pelos locais e através de suas fotografias relembra dos lugares em que passou. (Disponível em: <<https://www.agambiarra.com/plongee-contre-plongee/>>.)

Imagem 5 - Casarão Nichele - Local externo - Urussanga/SC-2016



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Um outro fotografo que não posso deixar de referenciar, acredito que seja o que mais me identifico, ou uma das mais fortes influências no meu ato de fotografar, é o fotógrafo holandês, Niki Feijen. Através de suas fotografias imortaliza o passado. Conheci suas fotos em alguns sites, e mesmo com um exercício no sentido de ampliar caminhos para maiores informações sobre este artista/fotógrafo, foi no site <<http://www.nikifeijen.com/>> que encontrei informações que trago para esse texto. Ele se coloca como autodidata e especializado em documentar e capturar a arquitetura histórica e prédios abandonados, temas que me interessou significativamente. Indo a lugares onde foram abandonados, ele retrata em suas fotografias a beleza desses locais. Como conheci as famosas fotografias de Niki Feijen? O conheci através das várias pesquisas que fiz sobre fotógrafos que retratavam casarões antigos, e após muita procura, encontrei em um site que comentava sobre suas fotografias, e ao visitar o seu site observei que seus trabalhos traziam inspirações para as minhas fotografias. A cada dia que pesquisava sobre suas obras, ficava mais surpresa, pela beleza de suas fotografias, sobre os locais que ele passava, e principalmente sobre a forma em que ele desenvolvia suas fotografias. Como é expresso no site, cada foto funde as noções conflitantes de beleza e decadência e corresponde com seu desejo de capturar e silenciosamente se comunicar com seu público sobre a essência do sujeito. É um entrelaçar de

passado e presente que dão enfoque às suas realizações. São obras (imagem 06) que trazem, cores, composições e texturas opacas, que mexem com o observador e evidenciam esses edifícios abandonados.

Imagem 6 - Fotografia de Niki Feijen - Hermosa Decadência



Fonte: Disponível em:

<<http://www.elmundo.es/yodona/blogs/trendstagram/2013/05/24/niki-feijen-hermosa-decadencia.html>>. Acesso em: 26/03/2007.

Vemos em primeiro plano as ruínas seguidas das poltronas e as respectivas janelas, o que nos provoca a pensar, quem seriam as pessoas que viveram neste local? Como eram suas rotinas? Eram pessoas mais jovens? Mais velhas? Pessoas estas que se voltassem a este local, reativariam as memórias que tiveram durante sua moradia ali. É como o casarão em que visito, revisito e fico imaginando [...], como seriam estas pessoas que habitavam este espaço? Se elas voltassem a este local, quais as memórias seriam ativadas? Através do preto e branco, em específico o branco, faço uma analogia entre essas duas imagens (06 e 07) em que estes espaços nos trazem uma sensação de pureza, doçura, poder, ou até mesmo de um conto de fadas, que com um pouco mais de atenção pode-se observar as ranhuras, a destruição, a solidão. Um sentimento que se soma pelas transparências das janelas. As transparências são evidenciadas de tal forma que nos leva a este vazio, à uma solidão que se desenha pelo isolamento de uma

passagem de um lugar todo preenchido pela cor opaca, preta, escura e forte, no vão de luz que desenha as janelas que ali se fazem presentes.

Imagem 7 - Casarão Nichele - Sala, as Janelas - Urussanga/SC - 2016



© Elisabete Karp

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Fiz a escolha destes três fotografos, pois ao longo desta caminhada e de muita pesquisa, foram eles em que tive maior proximidade. As formas que contemplam suas obras, são extremamente tocantes, cada um com sua forma, mas encontrei neles aspectos essenciais para a composição, desenvolvimento, e pós-produção de minhas fotografias. E foram neles, que encontrei as diversas formas, de 'tocar' o espectador. Aos meus olhos, suas obras são genuinamente tocantes.

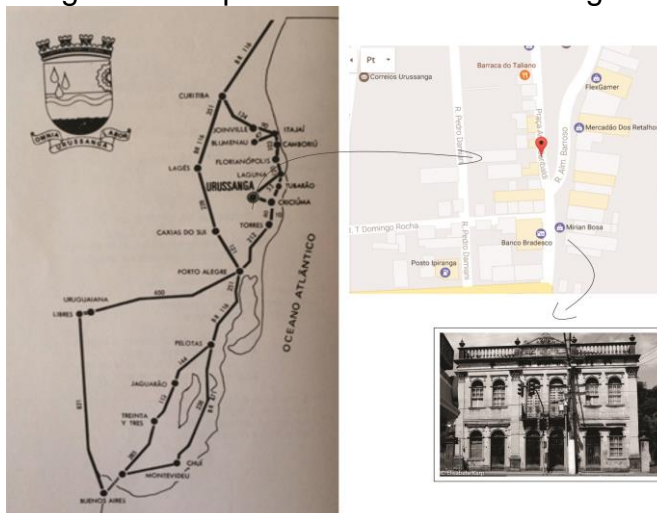
4 O CASARÃO NICHELE COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Em busca de conhecimentos que pudessem contribuir para a realização desta pesquisa, volto meu olhar para o Casarão Nichele, que é considerado um dos patrimônios históricos mais importantes para a cidade de Urussanga. Neste capítulo farei uma breve descrição sobre, a cidade de Urussanga, patrimônio histórico, e arte, contemplando a partir de alguns autores como Marques (1998), Faria (2008), Zanatta (2011), além de informações evidenciadas pelo IPHAN (2010). Sobre Urussanga, cidade localizada no sul de Santa Catarina.

Urussanga é uma cidade do Sul de Santa Catarina, ela estende graciosa por um vale ameno, cercado de morros por todos os lados. De manhã, coberta de orvalho, parece um canteiro de flores. De noite, iluminada, se assemelha a um geodo² coberto de cintilantes cristais. Amparada à nascente pelo Morro da Lagoa, que a esconde Azambuja, e, circunda ao poente pelas montanhas de Belvedere, a cidade se assemelha a um berço emoldurado pelas rendas brancas das nuvens caprichosamente onduladas sobre as graciosas curvas da Serra do Mar. (MARQUES, 1998, p.26).

Urussanga, uma pequena cidade onde nasci, cresci, e vivo, é uma cidade em que há muitas belezas naturais e que possui uma área significativa. Segundo Marques (1998, p.26) “com uma área de 325 quilômetros quadrados, o município, enquadra-se geograficamente a 28°16'40'' de Latitude e 48°79'30'' de Longitude.” (1998, p.26).

Imagem 8 - Mapa da Cidade de Urussanga/SC



Fonte: Livro - História de Urussanga.

² Geodo *geol* cavidade oca encontrada nas rochas, cujo interior é revestido de cristais ou de matéria mineral; geode.

Com solos produtivos, e uma boa localização, Urussanga, além de ser considerada a capital do bom vinho, possui um exuberante acervo arquitetônico, entretanto o IPHAN, guia do patrimônio cultural do sul de Santa Catarina (2010, p.19) define a arquitetura como testemunho de identidade:

Com suas formas e composições (a arquitetura) é uma das expressões mais significativas e marcantes das regiões de imigrantes. A maneira de construir a casa, de distribuir os cômodos, de arrumá-la, enfeitá-la; o desenho da igreja, da escola, do comércio e de tantas outras edificações que abrigam a vida da comunidade, fazem parte da bagagem cultural trazida pelo colono do seu país de origem.

Referente as análises feitas pelo IPHAN, guia do patrimônio cultural do sul de Santa Catarina (2010, p.20), encontro sobre a cidade, que as casas antigas “possui volume sóbrio, simétrico, com proporções e elementos clássicos tais como cunhais, arcos e cimbalhas. O material vai desde a madeira até alvenarias de tijolos e pedra”. Estes são elementos que fizeram parte e que ainda estão evidentes.

Considerada como um dos patrimônios históricos mais antigo, questiono, mas o que é patrimônio? Falar de patrimônio, possui múltiplos significados, e para defini-los, Faria (2008, p.13) comenta que “patrimônio são todos os bens, materiais e imateriais, naturais ou construídos, que uma pessoa ou um povo possui ou consegue acumular.” Mas em busca de uma resposta mais profunda, procuramos compreender o sentido amplo desta palavra. Trago algumas reflexões sobre a mesma em Gonçalves (1996, p.22), em que:

Falamos de patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéricos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil. Parece não haver limites para o processo de qualificação da palavra ‘Patrimônio’.

Realmente, parece não haver limites para a qualificação desta palavra, mas, ao pesquisar, ressalvo que nas informações apresentadas no site Mestrado Patrimônio Cultural, CCSH-UFSM (sd, p.01) patrimônio significa:

Conjunto de bens que contam a história de uma geração através de sua arquitetura, vestes, acessórios, mobílias, utensílios, armas, ferramentas, meios de transportes, obras de arte, documentos. Até final da década de 1970, tinha caráter político/elitista. A partir de 1980, passaram a ser consideradas outras etnias e classes sociais. O Patrimônio Histórico é

importante para a compreensão da identidade histórica, para que os seus bens não se desarmonizem ou desequilibrem, e para manter vivos os usos e costumes populares de uma determinada sociedade.

Portanto, podemos dizer que patrimônio histórico é toda propriedade que tem valor, aquilo que diz respeito a formação de uma comunidade, mas que também podemos classifica-lo como patrimônio cultural pois, segundo o IPHAN, guia do patrimônio cultural do sul de Santa Catarina (2010, p.11):

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos familiares da sociedade brasileira [...].

Ao observar o Casarão Nichele, durante esses anos, pude perceber que havia algo que me ‘tocava’, pois, todos os dias ao passar em frente, ao olhá-lo, havia um interesse em descobrir o que havia por trás daquelas portas. Conhecer aquele local, seria esplêndido, foi este lugar que me fez pensar, e ir em busca de conhecer sua história, suas memórias, e me fez ficar intrigada em explorá-lo, fotografá-lo. Comungo com o dizer de Vieira (apud MAKOWIECK, 2000, p.07), quando fala do espaço, para ele:

[...] um espaço com cenas e lugares que me trazem lembranças, recordações. No meu trabalho, essas ‘cenas’ são recortadas do real (através da fotografia) e transformadas pela recordação: realidade mais imaginação. A realidade é multiplicada e modificada pelas imagens da intimidade. As imagens que procuro, geralmente são casas abandonadas, janelas, portas, restos de cidade, fragmentos de imagens que remetem a lembranças passadas. Os lugares são como casas vazias, receptáculos. A sobreposição de elementos entre passado e presente (ação do homem e do tempo) trazem imagens sem tempo e espaço, onde o espectador é convidado a se inserir nesses espaços.

Ao adentrar no casarão pude perceber o potencial que o mesmo tinha, um edifício de dois pavimentos, que possuem vigas extremamente largas, porém dividas entres salas e quartos. Do ponto de vista atual, foi um prédio de múltiplas utilidades, porém hoje é apenas um local vazio. Algumas divisões permanecem, mas revelam muita precariedade, o chão que pisamos já não é mais tão seguro, uma construção em ruína, mas que nos faz relembrar dos momentos em que foi ‘palco’ de muitas histórias e lembranças. “Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo além de todas as casas que sonhamos habitar, é possível isolar

uma essência íntima e concreta que seja uma justificação do valor singular de todas nossas imagens.” (BACHELARD, 1988, p.23). O Casarão, possui muitas lembranças, e assim como as demais, já foi habitada por uma família, e quando falamos de um lar, há muito para ser contado. Hoje, assim como em 1907, o Casarão dos Nicheles, assim chamado pelos moradores da cidade, ainda é um dos principais cartões postais. Segundo Pereira e Matiola (2010, p.11), “situada no centro de Urussanga, a edificação foi construída em 1907 e desde então chama a atenção de todos.”

A edificação é um dos mais belos casarões da cidade e por estar localizada no centro, e por ser uma das mais antigas é referência aos que chegam na cidade.

Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. A velha locução: “Levamos para a casa nova nossos deuses domésticos” tem mil variantes. E o devaneio se aprofunda de tal modo que, para o sonhador do lar, o âmbito imemorial se abre para além da mais antiga memória. (BACHELARD, 1988, p.25).

Consequentemente, percebemos nos dias de hoje que os patrimônios históricos/culturais, precisam ser valorizados, não há mais o cuidado em que antigamente tinha-se, para a preservação dos mesmos. Levamos em conta, neste momento, as memórias e as imagens que tínhamos destes antigos casarões. Pois ao observar nas imagens (09 e 10) faço um paralelo, através da imagem que foi feita no início, de quando apenas tinha sido finalizada a construção e logo abaixo de como ela encontra-se hoje. Vivemos então dia após dia, querendo preservar estes bens, nas nossas memórias.

Imagem 9 - Fotografia do Casamento de Anita Furghesti e Ângelo – Em Frente ao Casarão Nichele



Fonte: Livro - Urussanga As Imagens da História.

Acima (imagem 09) evidencio esta imagem no qual ocorreu o casamento de Anita e Ângelo, donos do Casarão Nichele, também destaco como se apresentava o Casarão naquela época, e abaixo, trago uma imagem como ele encontra-se hoje.

Imagem 10 - A Fachada do Casarão Nichele - Urussanga / SC - 2017



© Elisabete Karp

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Através destas imagens, revela-se as marcas do tempo, em que as pessoas que aqui residem, ao vê-lo relembram de outras épocas.

4.1 RECORTES, IMAGEM E MEMÓRIA

Como falar de imagem e memória sem recortes? Retomando ao objeto de pesquisa, o Casarão Nichele, trago alguns recortes, evidenciando as memórias.

Para Almeida (1999, p.47), falar de memória significa ser “a faculdade através da qual a mente recorda o que aconteceu.” O que recorda o Casarão? Quais memórias que por ali circulam ou evocam?

A evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade e impressões que se contrapõem a um panorama de comunicação a distância e de tecnologia virtual que tendem gradualmente a anular as noções de privacidade, ao mesmo tempo que dificultam trocas reais. É também o território de recriação e de reordenamento da existência - um testemunho de riquezas afetivas que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário. (CANTON, 2009, p.21,22).

A memória, portanto, é um exercício a ser compartilhado, em que o artista evidencia através de seu percurso, todo seu testemunho de recriação, e que ao final oferece ao espectador todos estes fragmentos que obteve ao longo desta jornada. Mas em relação a memória, conforme Almeida coloca em seu texto, existem dois tipos a memória: a natural e a artificial, e para diferencia-las o autor explica. “A memória natural é nata, juntamente, com o pensamento, e a memória artificial é aquela “potencializada” ou consolidada pela educação.” (ALMEIDA,1999, p.47). Assim sendo, o autor afirma ainda que:

Essa arte da memória artificial nasceu, com parte da retorica e foi um dos recursos principais. Para a memória, localizada na parte irracional, sensitiva, inata, da alma, portanto, não sendo um habito moral, pudesse fazer parte da prudência, esta sim um habito moral, portanto racional, justifica-se a memória participa também da reminiscência, localizada na parte racional da alma. (ALMEIDA, 199, p 48).

Portanto, a memória, é utilizada para recordar as coisas passadas, e é assim que faço este percurso, expondo as memórias do Casarão Nichele, através das minhas imagens, e como as memórias das pessoas que faço as entrevistas, fazendo as mesmas se recordarem do que aquele imponente casarão já foi

e ainda é.

Este espaço hoje, encontra-se de tal forma que, enquanto estrutura material, já não se apresenta da mesma maneira, a escada (imagem 11 - A) apresenta-se com desgastes, as janelas (imagem 11 – B) já não abrem tão facilmente, pois o tempo fez com que enferrujassem e as plantas adentraram a casa, exatamente nas paredes. E ao passar dos anos este espaço vai sendo modificado, conforme Almeida (1999, p.64), o “espaço, naturalista corporal e transformado, visualmente, em tempo para poder representar-se materialmente no espaço da eternidade (e também da interioridade). Tempo esse que recebe, então, as formas do espaço.”

Imagem 11 - Fragmentos do Casarão/01 - 2017



Imagem (A)



Imagem (B)

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Com as formas do espaço, nota-se a poeira, as sujeiras estão por todo lugar onde passo, vejo que os vidros estão quebrados (imagem 12 - A), e as fechaduras, já não abrem tão facilmente, são as marcas do tempo que ficam evidentes. “um tempo do sensível, em que o espectador pode vislumbrar todos os detalhes das cenas, com suas nuances e contradições.” (CANTON, 2009, p.23).

Imagem 12 - Fragmentos do Casarão/02 - 2017



Imagem (A)

Imagem (B)

Fonte: Arquivo pessoal da autora

O que retrato em minhas imagens, é o que vejo, nada mais do que resultado das marcas de sua passagem pelo tempo, é uma lembrança, uma memória, que ativo quando faço o percurso aos seus arredores. Que me lembro das falas que escutei durante as entrevistas e me reporto a visualizar esses momentos. Como as memórias de Sr. Manuel Prado, em que comenta [...] foi primeiro comércio de secos e molhados, em que vendiam ferragens, panelas, alimentos, tecidos, armas, eles vendiam de tudo. Também onde foi um museu, em que havia muito ouro e muitos objetos dos proprietários tanto quanto dos moradores da cidade daquela época[...]. Segundo Bosi (1994, p.53) “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança. ” Portanto registrar também é armazenar as lembranças, e são através destes momentos que muitas vezes nos lembramos daquele local, daquele exato momento. Conforme Dubois (1993, p.30) “a fotografia é um auxílio da memória, um simples testemunho do que foi.” Por conseguinte, estas fotos que demosntro do casarão, são testemunho do percurso que vivenciei, em que demonstro a minha trajetória.

5 O PERCURSO POÉTICO DE UMA ARTISTA EM CONSTRUÇÃO

Durante o meu percurso como artista em formação, participei de algumas exposições. Nessas participações trago a linguagem fotográfica, pois como falo anteriormente, há uma paixão pelo ato de fotografar e pela arte, pois através dela podemos transmitir o que sentimos, o que observamos, e a partir dessa concepção, utilizo as memórias para construir minha caminhada poética.

Em 2014, participei de uma exposição coletiva, organizada pela Prof^a Ma. Odete Calderan, intitulada Escultura na Cabeça I - Registro Fotográfico. Sendo assim, esta a minha primeira exposição. Desenvolvi um filme fotográfico³ em preto e branco, que não continha imagens, pois o intuito era que ao percorrer desta caminhada como artista em construção as imagens que viriam a serem feitas, seriam posteriormente adicionadas a este filme. Ao colocar o filme sobre o corpo, aproprio-me dele para fazer parte da obra, em que ao sobrepor ao redor da cabeça, faço uma analogia de que, quando há uma memória, ela passa pela nossa mente, assim como o filme fotográfico, que quando evidenciamos algo a ser fotografado utilizamos a ferramenta como captura e posteriormente a transportamos para um “corpo” no caso, o filme. Essa foi uma introdução da obra desenvolvida na primeira exposição e a qual intitulei: (imagem 13 - A e B), ‘O Filme – 2014’.

Imagem 13 - O Filme - Escultura na Cabeça - 2014



Imagem (A)



Imagem (B)

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

³ Substantivo masculino. 1. Fot. Cin. Conjunto constituído por uma emulsão fotossensível depositada sobre uma base flexível de celulose, que é utilizada para registro de imagens fotográficas; filme fotográfico. [Cf. *filme cinematográfico*]. Disponível em: <<http://www.osdicionarios.com/c/significado/filme>>.

Já na segunda exposição coletiva que participei em 2016, desenvolvi uma fotografia em que no primeiro momento me apropriei da técnica, Light Paint⁴, tomando a luz como referência, o que me levou a pensar a luz de uma outra maneira, ajustando a câmera com o uso da velocidade baixa. O objetivo dessa obra 'A passagem', era demonstrar a passagem da minha vida acadêmica, pois este local representa as idas e vindas à Universidade. Um local, onde adquirimos novas experiências, formamos novas amizades e aprendemos com nossos mestres, local este, que me traz essas memórias. A exposição foi realizada pela disciplina de Arte e Agenciamento, na sala Edi Balod. - Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais - UNESC, intitulada: (imagem 14), 'A Passagem - 2016'.

Imagem 14 - A passagem - Exposição 5InLoco - 2016



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Em uma outra proposta de exposição, trago 'O Tocar' (imagem 15). Desenvolvida em uma das aulas de cerâmica, onde o objetivo era utilizarmos o nosso corpo como molde para o desenvolvimento desta obra. Ao desenvolver esta mão, remeto-a como um suporte, em que trago uma câmera fotográfica que faz parte dessa composição. A mão significa o suporte, suporte este que ao tocar no

⁴ A técnica de *light painting* consiste em desenhar com a luz sobre o dispositivo de captura fotográfico (filme ou dispositivo eletrônico). Para tal, o obturador, mecanismo que permite a passagem da luz para a área sensível, deve ficar aberto e a câmera permanecer imóvel. Assim o criador, com a utilização de uma lanterna, fósforo, led (*light emitting diode*), ou qualquer outra fonte que emita luz, pode gravar na superfície sensível o movimento de seus gestos. (FERREIRA, 2013, p.94).

botão da câmera, cria um elo, e a partir disso há um diálogo entre o corpo e o elemento, este que ao tocá-lo conseguimos gerenciar uma fotografia. E a memória, em que ela também está presente, pois a fotografia vai muito além do 'click', você tem que sentir o que há ao seu redor, pensar como a desenvolver, ter um olhar poético e estético perante o objeto que deseja fotografar. Portanto, este foi o que quis retratar nesta exposição.

Imagem 15 - O tocar - Cerâmica - 2016



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Em um outro momento, evidencio a obra 'o livro objeto', (imagem 16 – A e B). Faço aqui, referência às memórias da minha câmera fotográfica, aos momentos registrados em que fossem sendo arquivado no livro. Pois, quando começamos a perceber que o tempo passa, as lembranças são fundamentais para a base da construção de um artista, em que cada indivíduo tem como base de suas lembranças arquivadas, assim como no livro.

Imagem 16 - Memórias - Livro Objeto/ Livro de Artista - 2015



Imagem (A)



Imagem (B)

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

O percurso para o desenvolvimento deste trabalho, se fez com base nas minhas obras que foram desenvolvidas ao longo desse trajeto de artista em formação, minha proposta final é desenvolver a obra, através do registro fotográfico, no qual o meu olhar se volta para o Casarão Nichele. Fazendo uma analogia entre ambas, onde os elementos e técnicas utilizadas farão parte para a construção desta obra final, no qual detalharei posteriormente.

Para o início de minha produção artística, saí a campo. Com o auxílio de duas câmeras fotográficas, uma semiprofissional (Canon T3i) e uma profissional (Canon 7D) (imagem 17) foram idealizadas em torno de 291 registros fotográficos, variando nos três períodos do dia, ao longo de três dias.

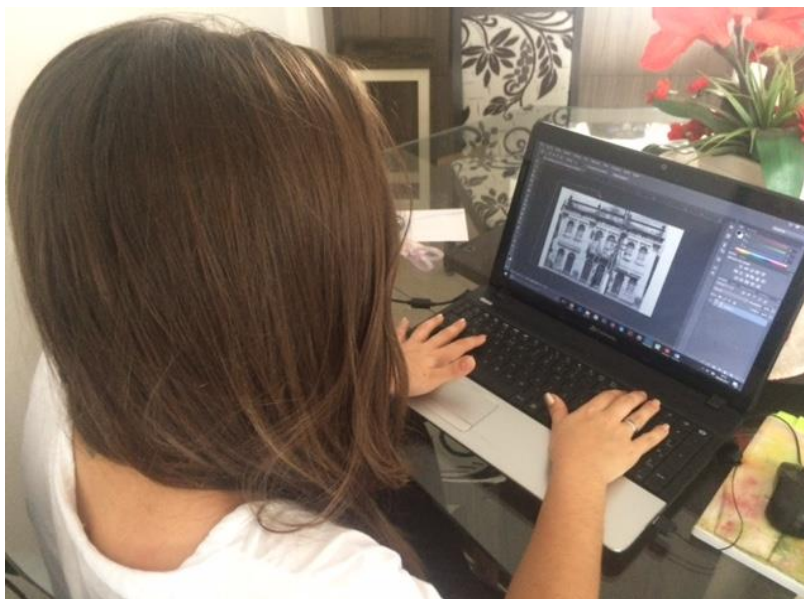
Imagem 17 - Processo de Desenvolvimento da Obra da Artista/01 - 2016



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Subsequente sistematizei um acervo virtual, com todas as imagens deste processo, que se iniciou no segundo semestre de 2016 e deu-se continuidade durante o ano de 2017 (Imagem 18). As fotografias produzidas, primeiramente, foram as fachadas do casarão, posteriormente ao adentra-lo fotografei detalhes como portas, janelas, vidros, fechaduras, aberturas, o teto, o chão, por fim, tudo que me chamava atenção, tudo que meu olhar se voltada para ele.

Imagem 18 - Processo de Desenvolvimento da Obra da Artista/02 - 2017



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

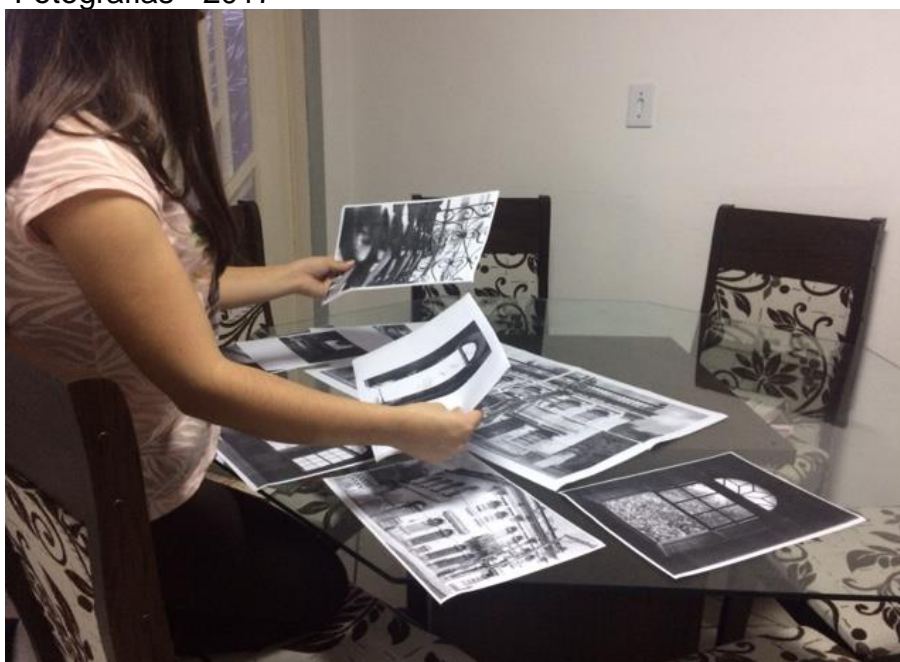
Após a produção, fiz uma pré-seleção (Imagem 19), escolhi apenas 20 imagens que realmente gostaria de mostrar, as quais continham detalhes de transparências, como as portas, janelas, vidros, estabelecendo assim também o trajeto percorrido, quando adentrei ao casarão. Essa transparência é um suporte no qual venho pensando há algum tempo. Ao pensar na transparência ela remete-me a algo que tem clareza, e que através dela possamos ver tais coisas como elas realmente são, assim como Rouilé (2009, p.85) comenta “assim como a nitidez, a transparência é muitas vezes considerada como propriedade imanente da fotografia, e como garantia da verdade.” Nesse sentido encontro em Xavier (2005, p.192), enquanto fala de cinema, que, para ele:

A opacidade/transparência, mas usada a oposição superfície/profundidade superfície profundidade que, não sendo idêntica, não lhe é distante. Afinal, o adensamento da imagem em sua imanência, subtraído o clássico salto do olhar para o que transcende, e o afrouxamento da tecnologia narrativa são

dados afinados a ideia de opacidade, em oposição ao efeito profundidade (transparência) e a teologia (a verdade a se revelar no final).

Portanto evidencio a transparência, por se revelar uma certa verdade, essa verdade que retrato em minhas fotografias, estas as quais demonstro como o casarão se encontra, trata da profundidade que a imagem pode nos proporcionar, nos provocar, ou mesmo nos desacomodar. Selecionar apenas estas vinte imagens, não foi nada fácil, pois todas as fotografias que desenvolvi, haviam detalhes diferentes, que gostaria de demonstrar, mas que neste momento não poderiam ser colocadas, devido ao excesso de imagens que iriam acabar acarretando num conjunto de imagens repetitivas.

Imagem 19 - Processo de Desenvolvimento - A Escolha das Fotografias - 2017



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Em seguida, após a escolhas das imagens iniciei a montagem dessas fotografias. Inicio com a capa e através delas vou evidenciando o trajeto percorrido pelo casarão. (Imagem 20). Sendo que projeto essas imagens através das formas de um rolo fotográfico, remetendo ao tempo em que fotografávamos com câmera analógicas que utilizavam o filme, tentando assim trazer um pouco de nostalgia ao meu projeto, aproximando-o um pouco mais da época vivenciada pelo ambiente fotografado.

Imagem 20 - Início da Montagem da Obra - 2017



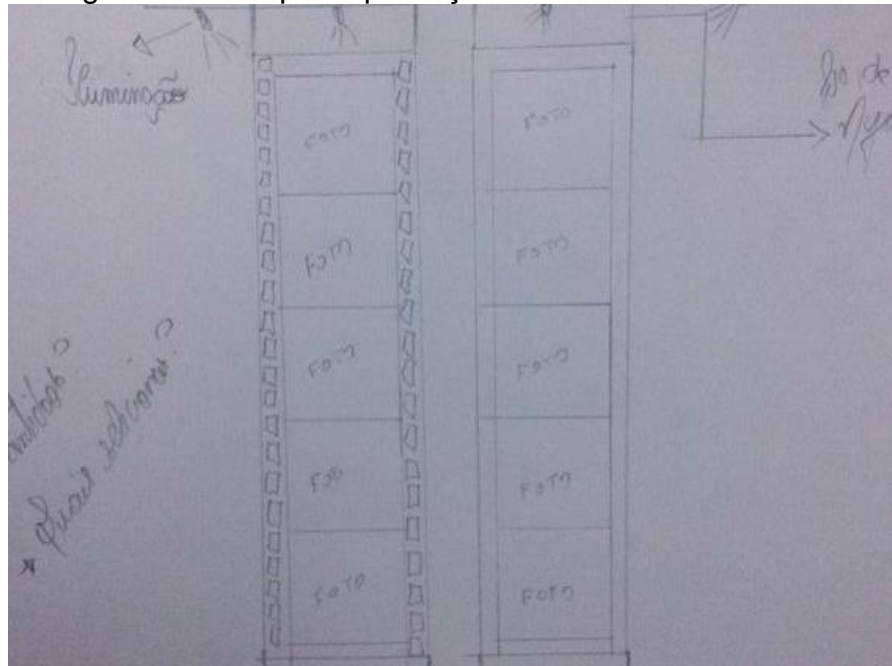
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Inicialmente a minha primeira ideia de suporte para o desenvolvimento da obra era fazer um livro objeto, em que faria uma composição com minhas fotografias. Mas, resolvi abortar esse projeto. Pensei então em algo que pudesse de uma melhor forma mostrar as fotografias, foi aí que ao longo deste percurso, pensei, repensei, e meu propósito foi compor este quadro de fotografias através de um outro material, que de alguma forma evidenciasse a transparência⁵. O qual fixarei através do nylon⁶, umas sobrepostas às outras, conforme o croqui abaixo (Imagem 21).

⁵ Tipo de folha que, sendo transparente, pode ser usada para imprimir diversos tipos de textos, desenhos, gráficos etc., podendo ser projetada na tela de um retroprojetor. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/transparencia/>>.

⁶ Tipo de material sintético e moldável feito a partir de resina poliamida, muito usado na composição de cerdas, filamentos e, essencialmente, na confecção de tecidos e plásticos.

Imagem 21 - Croqui da produção/01 - 2017



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Neste croqui, faço uma representação de como imagino a exposição da obra. Com duas faixas extensas, no tamanho de 2 metros de altura por 32 centímetros de largura, serão fixadas com fio de nylon. As mesmas ficarão distantes aproximadamente meio metro uma e a outra. Abaixo, imagem 22, trago-a mais detalhada.

Imagem 22 - Croqui da produção/02 - 2017



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Posteriormente as diversas tentativas com este suporte no qual propus, as transparências do retroprojektor, observei, em alguns testes que o material não apresentava um bom acabamento final. Entretanto, apropriei-me de um outro suporte, placas de acrílico transparentes, o qual apresentou um melhor acabamento.

A obra intitulada: 'Transparências', é uma representação das relações entre arte, memória, fotografia, um olhar para o Casarão Nichele em que a memória se dispõe através das fotos distribuídas neste filme. Uma composição de 20 fotografias, em preto e branco, onde aproprio-me de um outro suporte, a transparência. O intuito foi revelar o Casarão Nichele, - cartão postal da cidade de Urussanga/SC, pois ao destaca-lo faço uma analogia entre a cidade e este espaço, a partir das minhas vivências, num todo. As técnicas utilizadas como *plongée*, contraluz, *contra plongée*, luz natural, que foram aprendidas durante as aulas de fotografia, foram peças fundamentais para o desenvolvimento desta obra.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso intitulado arte, memória e fotografia: Um olhar para o Casarão Nichele, fez com que eu pudesse pesquisar um pouco mais sobre a fotografia, a arte, a memória e principalmente o casarão, este que sempre tive a curiosidade de saber um pouco mais sobre sua história, e sobre quais seriam as memórias que as pessoas tinham perante ele.

A fotografia sempre foi uma linguagem que admirei, quando iniciei minha jornada no curso de artes visuais a mesma já fazia parte da minha trajetória, mas foi a partir desta pesquisa que vim executando que me fez compreender que a fotografia não é apenas a utilização de equipamentos, mas sim um conjunto de técnicas, arte e poética que fazem esta composição para gerar uma fotografia. O artista fotógrafo não apenas apropria-se da técnica, ele utiliza os sentimentos e o planeja antes mesmo de fazer sua composição. Foi através dos autores André Rouillé, Phillipe Dubois e Walter Benjamim, que pude ter uma ampla visão de como a fotografia é, assim como suas possibilidades enquanto linguagem artística.

Entrar no Casarão Nichele, olhar por entre suas janelas, descobrir suas rachaduras, seus beirados de uma arquitetura que faz alusão aos italianos, fundadores da cidade, é como rever uma história. Não qualquer história, é sentir uma história que tem como narrativa as origens de uma cidade, que é a de quem se vê no filme que passa como um pensamento repleto de memórias. Uma história que trago como imagens que passam na janela do carro, pelos olhos de uma criança, que sentada no banco de trás, faz dessas imagens um filme que dá início para a materialização de uma produção artística. A transparência da janela do carro soma-se à transparência das janelas do Casarão Nichele, algo que vira conceito e evidencia-se no material escolhido para a impressão das 20 fotos. Um material que se organiza enquanto colunas de imagens, como as colunas de um Casarão que tem sua história ilustrada pela fala de 3 entrevistados que fazem dessa narrativa, algo orgânico por que se faz vivo. Encontro no desejo da transparência de nossas memórias a potência poética para uma produção artística que se completa no olhar do outro, aquele que ao olhar as imagens do Casarão Nichele, pensa em coisas que não tenho mais domínio de dizer o que é. Em que irão pensar as pessoas que olharem para as imagens do Casarão Nichele?

Confesso que tive algumas dificuldades, pois colocar nossos pensamentos no papel é algo que não é fácil. Mas, a cada descoberta que fazia, me entusiasmava a continuar a escrever, o desafio ainda maior foi costurar estas escritas. Portanto posso concluir que a caminhada foi árdua, mas me fez crescer como pessoa, artista e acadêmica.

Foi um percurso de um fazer artístico que tomou como alimento poético às memórias que o Casarão Nichele pode fomentar, o que se fez aqui como relevância da pesquisa, sem desconsiderar o resultado final que fica exposto ao público, e que soma à esta narrativa como uma “transparência” que se complementa e que se inter-relacionam com formas, texturas e contextos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José de. **Cinema Arte da Memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 132 p.
- BARBOSA, Cinara. **Silvio Zamboni P&B**. 1ª ed. São Paulo, 2005.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: M. Fontes, 1988. 242 p
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Abrão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004. 265p.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: Brasiliense, 1955.
- CANTON, Kátia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, 52p.
- CANTON, Kátia. **Tempo e Memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 62p.
- CCHS-UFSM. Mestrado Patrimônio Cultural. **O que é Patrimônio Cultural? Patrimônio Histórico? Patrimônio Ambiental ou Natural?** Sd (sem data). Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/ppgppc/index.php/duvidas-e-dicas/78-patrimonio-historico-cultural-e-ambiental-natural>>. Acesso em: 14 maio 2017.
- CESAR, Newton; PIOVAN, Marco. **Making of: revelações sobre o dia-a-dia da fotografia**. 2. ed., rev. ampl. Brasília: SENAC/DF, 2007. 427p.
- DIAS, Belidson, IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. 244p.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Papirus, 2003. 362p.
- ESCARAVACO, Arnaldo. **Urussanga: As Imagens da história da colonização à última década do século XIX**. Urussanga, SC, 1984. 212p.
- FARIA, Gerson Geraldo. **Patrimônio Histórico: como e por que preservar**. - Bauru, SP: Canal 6, 2008. 36p.
- FERREIRA, Felipe. **O puro ícone fotográfico: a técnica de light painting e seus desdobramentos na revelação de uma realidade fotográfica**. Universidade Federal de Pernambuco, 2013. Disponível em:

<<http://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2013/07/07.pdf>> Acesso em: 06 maio 2016.

FEIJEM, NIKI. **Fine Art Photography**. Disponível em: <<https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.nikifeijen.com/bio&prev=search>>. Acesso em: 07 maio 2017.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). **Sebastião Salgado - o olhar sensível**. Templo Cultural Delfos, março, 2011. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2011/03/o-olhar-sensivel-de-sebastiao-salgado.html>>. Acesso em: 20 maio 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 175 p.

GONÇALVES, J. R.S. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

IMA FOTO GALERIA. Disponível em: <<https://imafotogaleria.wordpress.com/2010/05/14/756/>>. Acesso em: 07 maio 2017.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Roteiros Nacionais de Imigração. **Santa Catarina**: guia do patrimônio cultural do sul de Santa Catarina Florianópolis, 2010.

IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte**: a/r/tografia. Santa Maria: UFSM, 2013. 244p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009. 108p.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MARQUES, Monsenhor Agenor Neves. **História de Urussanga**. Urussanga, 1990.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207p.

PEREIRA, C; MATIOLA, V. **Traços da história de Urussanga, SC**. Editorial Vanguarda, Urussanga, 2010.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SILVA, Ângela; ROBERTO, Frank. **Escola com arte**: multicaminhos para transformação. Porto Alegre: Mediação, 2006. 120p.

TAVARES, Antônio Luís Marques. **Fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea**. Sapiens: história, patrimônio e arqueologia. n1, p. 118 - 129, Jul. 2009. Disponível em: <http://revistasapiens.org/biblioteca/numero1/a_fotografia_artistica.pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.

VIEIRA, Daniela Martorano. Da memória e seus lapsos. Trabalho de Conclusão de curso de graduação. Florianópolis: Centro de Artes: Udesc, 2000, 40 p.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: Opacidade e Transparência. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 196p.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 2006. 123p.

_____. **Pesquisa em Torno da Linguagem Fotográfica** – Alguns de meus percursos. Anapap. 2013. Disponível: <http://www.anapap.org.br/anais/2013/ANAIS/conferencias/Silvio_Zamboni.pdf>. Acesso em: 07 maio 2017.

ZANATTA, Eledir Regina do Prado. **Educação e Arte**: a interface como patrimônio. Lages: Grafine, 2011. 205p.

APÊNDICE (S)

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO – 8ª FASE
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACADÊMICA: ELISABETE A. KARP

Questionário


Um olhar para o Casarão Nichele - Uurssanga/SC.

1. Quais as memórias que você tem em relação ao Casarão Nichele?
2. O que você se lembra sobre a história deste Casarão?
3. Você sabe a quem ela pertence?
4. O que o casarão representa para você?
5. No seu ponto de vista, qual a importância dele para a cidade?
6. Se você fosse proprietário do casarão, o que o destinaria? (Faria um restaurante? () Faria um museu?() Outros: _____)

Criciúma (SC), abril de 2017.

Assinatura do Participante

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO
---	--

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, Manoel Dias Prado (ESTADO CIVIL),
portador(a) da carteira de
identidade nº 503.734 expedida pelo, _____ inscrito(a) no CPF
sob o nº 308.410.439-15, residente e domiciliado(a) no, _____

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Elisabete A.
Karp, do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Silemar Maria
de Medeiros da Silva para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa
de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: Jurema - 01/04/2014

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

Prado



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, Maria Damiani Alves Batista (ESTADO CIVIL),
portador(a) da carteira de
identidade nº 216.947 expedida pelo, _____ inscrito(a) no CPF
sob o nº 918.422.209-34, residente e domiciliado(a) no,

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Elisabete A.
Karp, do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Silemar Maria
de Medeiros da Silva para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa
de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: Guaranga 04/04/2017

Assinatura: M. Batista

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

maria damiani batista@hotmail.com



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, Ederson Paulo (ESTADO PARANÁ CIVIL),
portador(a) da carteira de
identidade nº 4382889-7 expedida pelo, SSP inscrito(a) no CPF
sob o nº 04118994909, residente e domiciliado(a) no,
Rod SC 108 Km 11, D/N - Bairro Linda Rio Maior, Unwanga - SC

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Elisabete A.
Karp, do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Silemar Maria
de Medeiros da Silva para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa
de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: Unwanga 15/05/2017

Assinatura: Ederson Paulo

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

ANEXO (S)

ANEXO A – FOTOS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Imagem 23: Fotos da produção artística - 2017.







Fonte: arquivo pessoal do pesquisador.

“E chegamos a um tempo em que o passado e o presente se encontram, dentre as paredes a muito a descobrir, um passado misterioso, que perdura nas memórias de quem habita o presente”.

- Elisabete Karp. 2017

Imagem 24: Produção Artística - Transparências – 2017.



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador.